

Banco dos Brics é lampejo do futuro

Por David Pilling

Valor Econômico, 1.8.14

As instituições de Bretton Woods refletem as realidades de uma era em retirada. O mundo mudou, na maioria das vezes para melhor, uma vez que os países pobres reduzem o fosso que os separa dos ricos. O banco dos Brics sintetiza isso. Ele é um vislumbre do futuro.

Trinta anos atrás, os Brics eram um artifício de marketing idealizado por Jim O'Neill, na época economista-chefe do Goldman Sachs. Agora é um banco. E assim, sem mais nem menos, terá sua própria grife.

Em julho, em Fortaleza, os cinco países que compõem os Brics - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - concordaram em fundar um banco de desenvolvimento. Eles abriram também uma linha de swap, conhecida formalmente como um acordo de reservas contingenciais (CRA, nas iniciais em inglês), um dispositivo que dá ao banco central de cada um dos países acesso a volumes emergenciais de reservas cambiais. Tomando emprestada uma expressão de Anton Siluanov, o ministro da Fazenda da Rússia, os cinco países tentam conjurar a ideia de um mini-Banco Mundial e de um mini-Fundo Monetário Internacional.

O plano dos Brics é bom para o mundo, embora isso fique difícil de detectar pela reação desdenhosa que despertou no Ocidente. Houve duas posições padrão. Uma é ridicularizar a própria ideia de cinco países tão díspares organizarem algo coerente ou em perseverarem nessa disposição. A outra é se preocupar com o fato de que a ordem mundial refletida nas duas instituições encabeçadas pelos Estados Unidos e fundadas na Conferência de Bretton Woods de 1944 está prestes a se esfacelar.

Na verdade não chega a ser um milagre o fato de cinco países cujas iniciais formam uma sigla sugestiva terem migrado tão rapidamente de uma sigla [que alude a 'bricks', 'tijolos', em inglês] para um banco físico [em inglês, 'bricks and mortar']. É uma reprimenda a instituições dirigidas pelo Ocidente que não conseguiram se adaptar. Se a ordem do pós-guerra está mesmo sendo derrubada, a reação correta é "vamos ouvir". O novo banco dos Brics, que vai financiar projetos de infraestrutura, terá um capital inicial de US\$ 50 bilhões e um capital máximo permitido de US\$ 100 bilhões.

Cada país entrará com US\$ 10 bilhões, o que lhes dá, teoricamente, poder de voz igual. O banco terá sede em Xangai, uma concessão a Pequim, que nitidamente pretende exercer influência sobre a instituição. Mas a presidência será rotativa, e começará com a Índia. A China não terá sua vez antes de 2021.

Por seu lado, os cinco países contribuirão para a linha de "swap" do CRA de acordo com seu tamanho, desde a China entrando com US\$ 41 bilhões, até os US\$ 5 bilhões da África do Sul. A reserva contingencial é uma rede de segurança para períodos de estresse financeiro. Por exemplo, para quando a moeda de um dos países for alvo de ataque especulativo. Ela é inspirada na Iniciativa de Chiang Mai, um acordo asiático de "swap" cambial de US\$ 240 bilhões concluído após a crise asiática de 1997, quando a proposta da região de lançar sua própria

instituição equivalente ao Fundo Monetário Internacional (FMI) foi esmagada por Washington.

O banco dos Brics, além disso, nasceu da frustração. O FMI, em especial, é odiado em boa parte do mundo em desenvolvimento. Na década de 1990, sua rígida adesão às reformas de mercado levaram muitos a encará-lo como um instrumento para inibir o avanço dos países pobres, e não para tirá-los da pobreza. Na Ásia, a instituição é encarada como hipócrita. Em 1997 ela insistiu na imposição de desastrosas condições de austeridade em países como a Indonésia. Após a crise financeira de 2008 ela felizmente abraçou a liberalização monetária e fiscal no Ocidente.

Se o FMI mudou de atitude, não mudou de estrutura. Seu sistema de cotas, que determina a quantia com que cada país deve contribuir e quantos votos recebe, não reflete a realidade de um mundo em constante mutação. Os países dos Brics, que respondem por mais de 20% da produção mundial, têm cota de apenas 10,3%. Já os países europeus têm 27,5%, em troca de apenas 18% da produção mundial. Para piorar as coisas, a presidência do FMI é reservada a um europeu, enquanto a do Banco Mundial normalmente é entregue a um americano. Em 2010 foram pactuadas reformas que teriam duplicado o capital do FMI para US\$ 720 bilhões e transferido 6 pontos percentuais de cota para os países mais pobres. A possibilidade de isso não ter ido longe demais é um ponto discutível. As reformas nunca foram ratificadas pelo Congresso dos EUA.

Do ponto de vista dos Brics, o sistema financeiro mundial está voltado contra eles. Raghuram Rajan, presidente do Reserve Bank of India, o BC do país, acusou os países ricos de seguir políticas egoístas sem pensar em seu impacto sobre as economias emergentes. O fato de que o Federal Reserve (Fed, o BC dos EUA), sem maior aviso, anunciou planos de "reduzir" suas compras de bônus mostrou que a instituição estava disposta a abrir ou fechar as torneiras monetárias mesmo à custa da turbulência nos países pobres.

Um dos motivos para festejar a chegada do novo banco é que ele vai instaurar a competição. O financiamento concedido pela China na África atraiu críticas válidas de não ser vinculado à boa governança ou a padrões ambientais. Mas, tudo considerado, a presença do crédito alternativo chinês na África é um fator positivo. O mesmo deverá se verificar com relação ao banco dos Brics, em vista do enorme número de estradas, centrais elétricas, de sistemas de esgoto que precisam de financiamento. "Qualquer instituição nova que reforce o capital de longo prazo é necessariamente boa para o mundo", diz Urjit Patel, vice-presidente do BC da Índia.

O novo banco não é nenhuma panaceia. Como destacam seus críticos, ele é relativamente pequeno. Ben Steil e Dinah Walker, do Conselho sobre Relações Exteriores, sediado nos EUA, observa que, juntos, China, Índia e Brasil tomaram US\$ 66 bilhões emprestados só do Banco Mundial, mais do que todo o capital subscrito do banco dos Brics. No mesmo sentido, embora a ideia de condicionalidade possa ser exagerada, não seria bom se o novo banco emprestasse indiscriminadamente a ditadores decididos a esbulhar seus recursos naturais. O banco dos Brics também não é necessariamente tão democrático quanto parece. Seus artigos asseguram que os fundadores nunca

terão seus direitos de voto reduzidos para menos de 55%, independentemente do número de países que aderirem.

Seja como for, as instituições de Bretton Woods refletem as realidades de uma era em retirada. O mundo mudou, na maioria das vezes para melhor, uma vez que os países pobres reduzem o fosso que os separa dos ricos. O banco dos Brics sintetiza isso. Ele é um lampejo do futuro. **(Tradução de Rachel Warszawski)**